

JOAO MARTINS DE ALZIRA  
OS SOFRIMENTOS  
DE ALZIRA



PREÇO DA CASA

---

---

**Leandro Gomes de Barros**

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

---

## **Os Sofrimentos de Alzira**

---

---

Alzira era uma condessa  
filha do conde Aragão  
desde muito pequenina  
que tinha um bom coração  
embora que dos seus pais  
não fosse essa criação

Porque o conde pai dela  
só olhava para o ouro  
por isso chamava o cofre  
o céu do meu anjo louro  
dizia que a alma dele  
era a honra e o tesouro

Alzira desde criança  
que era compadecida  
dava pequeno valor  
aos objetos da vida  
visitava os hospitais  
inda que fosse escondida

Das iguarias da mesa  
ela tirava um quinhão  
para dar aqueles pobres  
que mais tinham precisão  
principalmente os doentes  
que não tinham remissão

Um dia qu'ela fez ano  
o padrinho presentou-a  
com uma capa de brocado  
que muita caro comprou-a  
ela achando-a muito linda  
com muito gosto guardou-a

Indo à missa de S. Pedro  
a primeira vez botou-a  
de volta viu uma criança  
gelada, morrendo à toa  
ela pegou a criança  
tirou a capa, embrulhou-a

Alzira tinha dez anos  
quando este caso se deu  
ela pegou a criança  
nos seus braços aqueceu  
antes de chegar em casa  
a criança já morreu

Chamou um criado e disse:  
conduza este inocente  
vá à casa mortuária  
faça um enterro decente  
pois morreu de fome e sede  
nesta praça cruelmente

— Morreu um pobre inocente  
em tão grande crueldade  
sem encontrar uma mão  
de tantas que há na cidade  
que a ele se entendesse  
com olhos de caridade

Afinal Alzira era  
amparo dos desgraçados  
mãe dos órfãos desvalidos

braços e pernas de aleijados  
os cegos pobres dali  
eram por ela amparados

Alzira uma noite teve  
um sonho muito cruel  
sonhou que o pai obrigava  
ela à força beber fel  
numa vasilha de ouro  
dizendo: beba que é mel

Ela se acordou agitada  
se ajoelhou e foi rezar  
depois que acabou a súplica  
benzeu-se e foi se deitar  
da forma que ela sonhou  
tornou de novo a sonhar

Ela por sonho recusava  
porém seu pai obrigou-a  
dizendo: beba este líquido  
que é uma bebida boa  
ou bebe o líquido do vaso  
ou então amaldiçou-a

Ela pegava a taça  
e bebia todo o fel  
com a amargura do líquido  
sofia uma dor cruel  
depois um anjo chegava  
deva-lhe um cálice de mel

De manhã contou ao pai  
o sonho que tinha tido  
disse o pai que sonho era  
uma ilusão do sentido  
e disse: eu quando sonho  
não fico surpreendido

Das damas daquele tempo  
Alzira era a mais bela  
havia o duque Agripino  
primo legitimo dela  
viu Alzira na igreja  
quase enlouquece por ela

Alzira quando o viu  
entristeceu de repente  
ficou logo muito pálida  
nervosa e impaciente  
ficou como quem passasse  
dois ou três meses doente

O duque pediu-a ao conde  
o conde disse que dava  
Alzira disse ali mesmo  
que com ele não casava  
o duque quando ouviu isso  
como criança chorava

Disse o conde: oh! minha filha  
você assim obra mal  
ele é duque e é seu primo  
provem de sangue real  
é como nós, decendente  
dos reis de Portugall.

Alzira disse: eu não caso  
pois me faz repugnar;  
disse o conde: pois de mim  
não deves nada esperar  
de hoje em diante até a bênção  
eu não hei de te botar

Aí Alzira lembrou-se  
do que havia sonhado  
e disse logo consigo:

é triste o meu resultado,  
um sonho como o que tive  
é difícil ser errado

Sonhou que um anjo chegava  
e lhe mostrava uma luz  
dizendo: isto é uma carta  
enviada por Jesus  
aceite a taça de fel  
como ele aceitou a cruz

— Quando estiveres aflita  
não te maldigas da sorte  
tenha confiança em Deus  
ainda encarando a morte  
se conhece o bom guerreiro  
quando a luta é muito forte

— Porque aonde Deus anda  
fica a verdade plantada  
a mentira se afugenta  
corre doida dispersada  
descobrirá a si própria  
para assim ser castigada

Então disse Alzira ao pai  
que aceitava o casamento  
dizendo: meu pai, aceito  
com gosto meu sofrimento  
seja por Deus tudo isto  
vou começar meu tormento

O duque Agripino disse:  
vou preparar um condado  
hei de fazer um palácio  
que depois de edificado  
faça inveja a qualquer um  
que for por ele avistado

Edificou um palácio  
com 30 metros de frente  
das obras daquele tempo  
ele foi o mais imponente  
quem o visse ainda de longe  
achava-o muito decente

Depois de pronto o castelo  
foi ao conde de Aragão  
disse que tinha aprontado  
toda sua habitação  
foi aí marcado o tempo  
para a realização

Foi marcado o casamento  
para cinco de setembro  
o noivo caiu doente  
só veio no mês de novembro  
aí só podia ser  
no dia seis de dezembro

Isso era um dia de sábado  
o sol surgia dourado  
o mar batia tão quieto  
o vento estava parado  
o espaço parecia  
um manto todo azulado

Na sexta-feira de noite  
Alzira tinha sonhado  
que chegava a tal criança  
que ela tinha embrulhado  
em traje de mensageiro  
e dava a ela um recado:

—Manda te dizer Jesus  
que vais entrar numa luta  
com uma fera endiabrada

uma alma absoluta  
e havia de cair  
numa mão tirana e bruta

Disse: tu hás de habitar  
no condado mais bonito  
mas não te iludas com ele  
pois é um cárcere maldito  
doouro dele e que sai  
o ferro frio esquisito

Sonhou que o pai e o marido  
beijavam-na muito contentes  
e depois os mesmos dole  
se transformavam em serpentes  
querendo beber-lhe o sangue  
e rasgá-la com os dentes

Mas uma voz lhe dizia:  
não te esqueças de Jesus  
das palavras que ele disse  
antes de subir na cruz:  
"atrás de ti vão as trevas  
depois eu mando-te a luz"

Acordou e levantou-se  
e foi rezar o officio  
e disse: são quase horas  
d'eu marchar para o suplicio  
qual o filho de Maria  
na noite do sacrificio

Afinal surgiu o sol  
os raios como uns cristais  
fazendo gotear pérolas  
dos ramos dos matagais  
Alzira tão solitária  
como os mundos vegetais



Quando soavam dez horas  
pôs-se o sino a anunciar  
que o cardeal D. Nilo  
estava próximo a chegar  
Alzira se ergueu do leito  
se ajoelhou foi rezar

Abriu o seu santuário  
e começou a oração  
com os olhos cheios de lágrimas  
três vezes beijou o chão  
fitando os olhos no céu  
com a seguinte exclamação:

—Jesus, cordeiro de Deus  
que ao mundo foste enviado  
em comissão do Eterno  
para apagar o pecado  
pelo amor de Deus sem mancha  
sêde meu advogado!

Aí vestiram Alzira  
e foi ela se casar  
o sol mudou de repente  
a luz querendo embaçar  
então uma ave agoureira  
não deixava de cantar

No ato do casamento  
deu um enorme trovão  
mesmo na hora que Alzira  
cruzou com o noivo a mão  
caiu um raio bem no centro  
do castelo de Arsgão

—Oh! Deus! exclamou o conde  
já bastante admirado  
parece que foi propósito

este caso ter se dado?  
disse o duque: é por causa  
do ar muito carregado

Estavam comentando isso  
quando um criado acudiu  
disse ao conde: em vossa casa  
um raio agora caiu  
vinha com tamanha força  
que a casa toda aluiu

Então voltaram do templo  
todo mundo espavorido  
Alzira como uma estátua  
deu o braço ao marido  
via-se nela as feições  
de quem havia morrido

Devido a essa catástrofe  
o festim não teve graça  
só a tristeza de Alzira  
entristeceu toda a praça;

—Mal empregado!... era a voz  
que dizia o povo em massa

O conde aí confessou  
ter grande arrependimento  
de ter se comprometido  
a fazer tal casamento  
porque tudo dava indício  
dum mal acontecimento

Então o duque Agripino  
levou Alzira a Bruxelas  
ia sorrindo com tudo  
tanto gosto tinha nela  
porque não tinha na Bélgica  
uma que fosse tão bela

O duque tinha um irmão  
o Ernesto de Sancher  
assim que Alzira chegou  
Ernesto foi logo a ver  
quando ela olhou-o, lágrimas  
viu-se em seu rosto descer

Ernesto quando avistou-a  
criou logo uma paixão  
duma maldade infernal  
encheu-se o seu coração  
jurou conquistar Alzira  
e envenenar o irmão

Mas si conheceu logo  
que Alzira o repugnou  
não quis olhar para ele  
nem bem o cumprimentou  
perguntou ele a si mesmo:  
que remédio aí eu dou?

Alzira à noite sonhou  
que o pai do duque Agripino  
mandava chamar o filho  
e ele ia sem destino  
deixando junto com ela  
o inimigo assassino

Fazia um ano e um mês  
que Alzira tinha casado  
quando um dia às 11 horas  
o duque estava a seu lado  
um portador do pai dele  
deu-lhe o seguinte recado:

—Manda dizer vosso pai  
que está quase perdido  
a Grécia lhe propôs guerra

esta sendo perseguido  
e se não for vossa alteza  
breve ele será vencido

—Manda dizer que vá logo  
não fizesse demorar  
que os inimigos estão fortes  
ele não pode lutar  
deixe o reino a Dom Ernesto  
até sua alteza voltar

Então depois entregou-lhe  
um pequenino cartão  
que mandava dar lembrança  
a duquesa de Aragão  
em baixo vinha assinado  
«teu pai duque de Milão»

Alzira ficou imóvel  
quando o homem terminou  
veio-lhe no pensamento  
o que ela há dias sonhou  
ai refletindo tudo  
baixou a face e chorou

Disse o duque: minha filha  
eu parto para Milão  
leve-te na minha mente  
deixo-te meu coração  
fica o reino aqui entregue  
a ti e ao meu irmão

E partiu no mesmo dia  
para a terra de Milão  
Ernesto passou a noite  
na maior perturbação  
as maldades mais enormes  
tomavam-lhe o coração

Adormeceu um instante  
sonhou que Alzira chegava  
e dizia: Ernesto, eu te amo;  
e com ele se abraçava  
dizendo: desde pequena  
que teu amor conservava

Ernesto no outro dia  
foi a ela visitar  
com umas frases fingidas  
dizendo: a vim consolar;  
Alzira entrou para o quarto  
nem o mandou se sentar

Na outra noite sonhou  
que Alzira a ele dizia:  
eu nasci foi para ti  
inda sou tua um dia  
esse desprezo que dou-te  
não é mais que fantasia

Ele no dia seguinte  
mandou a ela um cartão  
lhe dizendo: minha prima  
«do que tiver precisão  
«mande ver que estou aqui  
«à sua disposição

Quando ela leu o cartão  
ficou tão repugnada  
dando a conhecer a todos  
que ficou muito maçada  
disse apenas ao criado:  
eu não preciso de nada

O duque escreveu a ela  
num lindo cartão dourado  
lhe dizendo que sentia

grande saudade e cuidado  
falou num grande segredo  
entre ele e ela passado

Já cinco meses faziam  
que o duque tinha saído  
Ernesto fez uma carta  
em nome desconhecido  
dando noticia a Alzira  
que o duque tinha morrido

Então Alzira lhe disse:  
meu marido não morreu  
porque fazem quatro dias  
que de Milão me escreveu;  
foi apenas o que lhe disse  
atenção mais não lhe deu

Os olhos dele ficaram  
como chamas de vulcão  
premeditou logo um falso  
para contar ao irmão  
estudando qual o meio  
de lhe roubar o cartão

Ernesto chegou em casa  
recolheu-se ao aposento  
como a pessoa que está  
em grande constrangimento  
tinha medo de si próprio  
dava-lhe até passamento

Exclamou ele consigo:  
eu só queria saber  
se há o diabo que dizem  
para me favorecer  
para ver se ele fazia  
Alzira inda se render

—Eu lhe dava se exigisse  
todos possuídos meus  
todos prédios que possuo  
de hoje em diante eram seus  
lhe dou até por escrito  
a parte que tenho em Deus

Nisso adormeceu um pouco  
viu uma sombra chegar  
dizer: Ernesto, te cala  
eu vou por ti trabalhar  
farei por ti o possível  
a fim de Alzira te amar

—Basta que diga e sustente  
que de Deus não quer saber.  
que farei todo possível  
para ela se render  
até... ela está dormindo  
vou ver se é posso colher

Alzira estava dormindo  
viu chegar um anelão  
lhe dizendo: minha filha  
te faço revelação  
não despreze teu cunhado  
que é tua salvação

Por sonho ela respondia:  
serás o mau inimigo  
que saíste do inferno.  
e vens ter aqui comigo?  
eu sou da parte de Deus  
não vou consultar contigo

Então respondeu-lhe o velho:  
teu marido há de morrer  
e depois da morte dele

tu entrarás a sofrer  
Ernesto sendo por ti  
te pode favorecer

—Esse negócio de honra  
não quer dizer quase nada  
pois Maria Madalena  
não foi mulher debandada  
praticou todos os crimes  
não é bemaventurada?

Alzira aí despertou  
abriu o seu santuário  
exclamou: oh! Jesus Cristo  
pela noite do calvário  
defendei-me dessa fera,  
inimigo sanguinário!

Ainda viu uma sombra  
que de seu quarto saiu  
ouvio um grande gemido  
quando o santuário abriu  
um anjo com duas asas  
na frente dela' sentiu

Ernesto aí acordou  
quando a sombra pôz-lhe a mão  
disse-lhe a voz invisível,  
descansa teu coração  
hoje não arrumei nada  
mas ganho ainda a questão

Ernesto no outro dia  
mandou a ela um cartão  
dizendo: «minha cunhada  
«faço-te está confissão  
«sou obrigado a dizer-te  
«que te amo de coração



«E sus alteza bem pode  
«conhecer o que é amor  
«é uma chama de fogo  
«que arroja com tal furor  
«abrsa mais do que layas  
«a alma do amador

«Inda o duque estando vivo  
«dele eu posso me livrar  
«tenho um preparado quimico  
«com que eu posso o matar  
«ele tomando esse liquido  
«al podemos casar»

Então Alzira escreveu-lhe  
mandou-lhe logo dizer  
que ele fizesse o favor  
de um dia se conhecer  
que do seu atrevimento  
o duque havia de saber

E que a respeitasse  
como ela merecia  
procurasse uma bandida  
que era quem lhe pertencia  
se tornasse a fazer outra  
ela ao marido dizia

Ele ficou como um cão  
que está com a hidrofobia  
deitava fogo na venta  
como cobra se mordia  
jurou que aquele desprezo  
Alzira lhe pagaria

Alzira tinha uma áia  
em quem muito confiava  
Ernesto viu que só ela

um jeito nisso lhe dava  
pensou logo em fludi-la  
pois só assim se vingava

Fez-lhe uma carta be-a-feita  
mandou-a por um criado  
mandando dizer a ela  
que estava apaixonado  
dizendo: «entre as mais damas  
«só em ti achei agrado

«Desejo uma entrevista  
«com toda sinceridade  
«não permito que a senhora  
«baixe à dignidade  
«pode confiar em mim  
«porque tenho honestidade

«Mas tenho que advertir-lhe  
«prevenir-lhe enquanto é cedo  
«veja que minha cunhada  
«não divulgue este segredo  
«o fidalgo é muito rico  
«de tudo forma um enredo»

A áia ficou pensando  
como poderia ser  
um fidalgo amar a ela  
ela não podia crer  
depois disse: só se Deus  
quiser me favorecer

Teve sempre a entrevista  
Ernesto lhe declarou  
a paixão demasiada  
que desde que a viu tomou  
ali diversos segredos  
a áia lhe revelou

Como bem, fossem os cartões  
que o duque tinha mandado  
um segredo que não podia  
a ninguém ser revelado  
Ernesto pediu-lhe: traga-os  
que lhe serei obrigado

A áia trouxe os cartões  
entregou-os a Ernesto  
disse ele; Alzira agora  
conhece pra que eu presto  
isto é um documento  
com isto aqui eu atesto

Foi ver um copo de vinho  
deu a áia, ela bebeu  
dizendo logo consigo:  
desta aqui livre estou eu;  
a áia foi para casa  
de madrugada morreu

Faziam um ano e dois meses  
que o duque tinha saído  
ele na guerra e em casa  
ser por um falso traido  
isto é, por seu irmão  
foi ele assim ofendido

O maldito do irmão  
soube quando o duque vinha  
foi encontrar-lhe e depor-lhe  
toda maldade que tinha  
Alzira tão inocente  
como qualquer criancinha

Mostrou os cartões ao duque  
dizendo que ela lhe deu  
o duque chorou de raiva

quando os 4 cartões leu  
ele contou-lhe a miúdo  
o falso que concebeu

Disse que Alzira foi ter  
no quarto que ele dormia  
manifestando por ele  
uma grande simpatia  
pedindo que o matasse  
que com ele casaria

O duque vinha a cavallo  
e quase que cala da sela  
rugia como um leão  
quando imaginava nela  
dizia: eu não faço nada  
sem falar com o pai dela

Quando ele chegou em casa

Alzira o foi receber  
quando ele avistou Alzira  
ficou quase a se morder  
dissse: faça-me o favor  
de a mim não aparecer

Alzira entrou em soluços

e foi fazer oração

um anjo veio por sonho

e lhe fez revelação

o duque aí escreveu

para o conde de Aragão

Ao cabo de quatro dias

o conde na corte chegou

foi ao palácio do duque

para a filha não olhou

ela tomou lhe a bênção

mas ele não lhe botou

Era meia-noite em ponto  
o duque a ela chamou  
e ali perante ao pai  
o fato se propalou

Alzira inda quis falar  
mas o duque não deixou

— Maldita! disse o conde  
você para a morte vai  
porque é o que merece  
todas que o marido trai!...

Alzira olhou e disse:  
muito obrigada, meu pai

Disse o conde: há uma ilha  
longe daqui e deserta  
levem ela e matem lá  
é esta a sentença certa  
cavem 1 buraco e botem-na  
e deixem a sepultura aberta

Foram três homens casados  
3 mulheres acompanharam  
com três dias de viagem  
na dita ilha chegaram

— É aqui... disse um dos três  
aí todos esbarraram

Alzira pediu a eles  
que lhe dessem permissão  
pra escrever duas cartas  
e rezar uma oração  
encomendando su'alma  
podiam matá-la então

— Pode escrever, lhe disseram  
e fazer sua oração  
pode encomendar-se a Deus

de todo seu coração  
a desgraça é uma coisa  
que não tem excepção

Então Alzira aí disse:  
quero fazer um pedido  
para o senhor entregar  
esta carta a meu marido  
e outra entregue a meu pai  
se ainda não tiver saído

Uma das cartas narrava:

«senhor duque de Sancher  
«nunca lhe fiz um pedido  
«agora vou lhe fazer  
«o senhor veja esta carta  
«tenha a bondade de a ler  
«Lêa todo conteúdo  
«desta carta que aí segue  
«que quando você saiu  
«poucos dias foi-me entregue  
«interrogue o traidor  
«que talvez ele não negue  
«E corra às gavetas dele  
«que lhe garanto encontrar  
«a resposta desta carta  
«para me justificar  
«que permitido por Deus  
«ele não pode negar

Na mesma carta do duque  
ela botou o cartão  
que Ernesto mandou a ela  
lhe declarando a paixão  
onde prometia a ela  
envenenar o irmão

«Não faltam mais 10 minutos  
«para eu deixar de existir  
«perdão os meus assassinos  
«antes de eu me concluir  
«entrego minh'alma a Deus  
«estou pronta, posso seguir

«Torno a pedir-te por Deus  
«que perdôe o teu irmão  
«um espirito imundo e fraco  
«onde só coube a traição  
«uma alma sem consciência  
«um corpo sem coração

«De minha parte eu perdôo  
«de todo meu coração  
«a elle, a ti e a meu pai  
«toda esta ingratidão  
«Deus disse: em sangue maldito  
«veja, não te suja a mão

«Ao ver-te a primeira vez  
«ll logo em teu coração  
«fanatismo sem amor  
«vingança e ingratidão  
«no mais até tua morte  
«a duqueza de Aragão»

—Permita-me escrever outra  
para o conde de Aragão  
e peço a um dos senhores  
entregá-la em sua mão  
para elle conhecer  
que me matou sem razão

«Meu pai, Alzira narrava  
«por um Deus Onipotente  
«abençoa! esta vitima

«que o senhor fez cruelmente  
«depois de criar com zelo  
«mata-a rigorosamente!  
«Eu fui uma pobre ovelha  
«criada por um pastor,  
«esse depois de criar-me  
«perdeu de mim o amor  
«entregou-me à força bruta  
«a um lobo deverador  
«Seu genro tem um cartão  
«que o irmão dele mandou-me.  
«o senhor leia o cartão  
«veja o que ele tratou-me  
«veja eu por ser honrada  
«o senhor assassinou-me  
«Eu ficarei sobre um túmulo  
«o senhor num paraíso  
«meus olhos gotejam lágrimas  
«seus lábios brotarão riso  
«no mais, aceite um adeus  
«até dia de juizol»

Depois de acabar as cartas  
pôs a mão no coração  
dizendo: agora, senhores  
só me falta uma oração  
acabando essa, me matem  
está concluída a missão

Ajoelhou-se a fitou  
para o céu os olhos seus  
exclamando muito humilde:  
meu Jesus, rei dos Judeus  
valei-me na última hora  
peço pelo amor de Deus!



—Perdão em nome de Deus  
a quem me mandou matar  
como também estes três,  
inda torno a perdoar  
porque a força vieram  
minha vida liquidar!

—Oh! meu Senhor Jesus Cristo  
Deus é homem verdadeiro  
pastor das almas perdidas  
redentor do mundo inteiro  
vinde assistir vossa serva  
no momento derradeiro!

Nisto os três encarregados  
viram chegar um cordeiro  
que chegando junto a Alzira  
lançou um olhar ligeiro  
dizendo: fica em paz  
filha de Deus verdadeiro

Eram os três encarregados  
Berto, Lúcio e Martinez  
olhava um para o outro  
cada um por sua vez  
dizia: eu não toco nela;  
assim diziam os três

Martinez disse: senhora  
em nome de Deus eu juro  
embora eu morra, não lavo  
as mãos em teu sangue puro  
queres voltar? Te levamos  
a Deus pertence o futuro

Disse Alzira: Martinez  
agradeço muito a ti  
Deus há de te acompanhar

vão em paz, eu fico aqui  
quando um dia procurar-me  
estou naquele monte ali

Despediram-se de Alzira  
todos três foram embarcar  
encontraram muitas pérolas  
na beira daquele mar  
que cada um desses três  
levou com que enricar

Quatro dias de viagem  
levaram para voltar  
chegaram tarde da noite  
não puderam mais falar  
ao duque mais ao conde  
nada puderam tratar

A carta que foi ao duque  
Martinez foi entregar  
mas quando o duque a viu  
antes dele lhe falar  
disse logo: sobre Alzira  
nada me venha tratar

A carta que foi ao conde  
Martinez foi a levar  
o conde vendo-a também  
antes dele lhe falar  
disse logo: sobre Alzira  
nada me venha tratar

Ele voltou com as cartas  
por não poder entregar  
guardou-as pra quando eles  
mandasse ali o chamar  
todos tinham medo deles  
nada podiam tratar

Assim passaram dez anos  
o duque sempre sentindo  
parecia estar ouvindo  
de Alzira um gemido  
e uma voz perguntar-lhe:  
então já estás esquecido?

Então o duque Agripino  
estava dormindo, sonhou  
que passava pela ilha  
que Alzira se sepultou  
viu ela sobre um altar  
e a face a ele virou

Por sonho ela perguntava:  
minha carta, o senhor leu?  
Martinez foi entregá-la  
o senhor não recebeu?  
procura qu'ele ainda tem  
veja o que foi que se deu

O duque aí despertou  
pegou a imaginar  
dizendo: será Alzira  
que não pôde se salvar  
aquela grande traição  
fez ela se condenar?

Depois disso adormeceu  
inda tornou a sonhar  
que Alzira tornou a vir  
dizer-lhe: mande chamar  
Martinez que tem a carta  
para me justificar

Tornou ele a despertar  
e não pode mais dormir  
dizendo: não é possível

Alzira mais existir  
foi uma morte que fiz  
toda vida hei de sentir!

Às 6 horas levantou-se  
e foi para o pavilhão  
disse um criado: essa noite  
chegou uma embarcação  
parece que chegou nela  
o conde de Aragão

O duque disse ao criado:  
você com urgência vá  
em casa de Martinez  
lhe diga que venha cá  
diga que eu mando dizer  
que não se demore lá

Quando Martinez chegou  
estava o conde de Aragão  
Martinez que já trazia  
as duas cartas na mão  
a cada um deu a sua  
nessa mesma ocasião

Quando o duque abriu a carta  
que leu todo o conteúdo  
ficou como uma estátua  
como quem é doido ou mudo  
pôs a mão sobre a cabeça  
quase enlouquece de todo

O conde ficou imóvel  
sem palavra articular  
e exclamava: oh! minha filha  
teve razão de falar  
no lugar que tu morresse  
irei me suicidar!

Foram às gavetas do monstro  
acharam a carta guardada  
escrita já há dez anos  
não tinha letra apagada  
já permitido por Deus  
foi ela aí conservada

Ernesto estava dormindo  
sonhou que ia morrer  
acordou e contou tudo  
sem ninguém nada dizer  
até da morte da áia  
o duque pode saber

Aí o duque Agripino  
não pode mais suportar  
lançou a mão do alfange  
quis o irmão degolar  
mas como Alzira pediu-lhe  
ele não quis o matar

Perguntaram a Martinez:  
aonde você a matou?  
disse Martinez: de nós  
um nela a mão não tocou  
qualquer um fica assombrado  
sabendo o que se passou

Aí prenderam Ernesto  
foram à ilha de Salomão  
disse o duque: vamos ver  
os ossos dela onde estão:  
foram o duque e os homens  
e o conde de Aragão

Foram todos bem munidos  
cada qual mais preparado  
então no mesmo navio

levaram Ernesto algemado  
pra aonde achassem os ossos  
mataram ele queimado

Foram diretos ao lugar  
que Alzira tinha ficado  
acharam a sepultura  
que os homens tinham cavado  
então acharam uma carta  
que Alzira tinha deixado

Tinha na carta o seguinte:

«quando alguém me procurar  
«vá ao pé daquele monte  
«onde pode me achar;  
então via-se uma serra  
confronte a esse lugar

Precisa agora tratarmos  
da forma que ela ficou  
as aflições que sentiu  
quando na ilha se achou  
às nove horas da noite  
o susto que ela tomou

Depois que ela ficou só  
pegou a pensar na vida  
nos carinhos que gozou  
duma mãe terna e querida  
depois naquele deserto  
per todo mundo esquecida

Recordava-se das horas  
que ao colo do pai dormia  
os beijos de sua mãe  
que dormindo recebia  
com essas recordações  
ainda mais se affigia

Pousou as faces nas mãos  
exclamando: eu merro aqui  
quando viu uma mulher  
dizer-lhe: Deus é por ti  
quem vai te ensinar a casa  
espera que vem ali

Então lhe disse a mulher:  
eu sou mãe dos desvalidos  
amparo dos desgraçados  
glória dos arrependidos  
consoladora dos tristes  
doçura dos affligidos

Ainda a mulher lhe disse:  
deixe estas feras contigo  
eis aí um leopardo  
te servirá como amigo  
tua casa é uma cova  
viva lá, cante comigo

Ela foi para uma furna  
que no pé da serra havia  
fez uma cama de leno  
na cova onde dormia  
todas as frutas do vale  
era o que Alzira comia

Um leopardo e um tigre  
de Alzira não se apartavam  
ela dormia na alcova  
eles na porta ficavam  
dois pombinhos muito alvos  
na cama dela pousavam

Agora nos ocupamos  
com o conde de Aragão  
quando viu a sepultura

esfriou-lhe o coração  
si o duque Agripino  
quis degolar o irmão

Só as pedras não cheravam  
vendo o conde de Aragão  
o rosto inundado em lágrimas  
ajoelhado no chão  
até as feras cheravam  
vendo aquela exclamação

— Oh! quanto seu criminoso  
pai desgraçado sou eu  
não ter dô duma innocente  
que aqui sem culpa morreu  
não há serpente que tenha  
um coração como o meu!

Foram em procura da cova  
como na carta dizia  
Ernesto ficou ali  
com os ferros que trazia  
algemas, grilhões, correntes  
que ali não se bolla

Eram dez horas do dia  
quando elles dall pegoiaram  
eram seis horas da tarde  
quando a Serra descobriaram  
a noite se aproximava  
fizeram logo e dormiram

Martinez, o duque e o conde  
a noite toda velaram

Lucio, Berte, esses tambem  
muito pouco se deitaram  
devido as feras que havia  
a noite em claro passaram



De manhã viram uma cova  
que dava u'a grande entrada  
por debaixo da montanha  
sendo com pedra forrada  
viram uma cama onde esteve  
uma pessoa deitada

Depois no centro da cova  
ouviram gente cantar  
um hino ao Sacramento  
perfeitamente entcer  
uma voz tão sonorosa  
que fazia admirar

Então o hino dizia:  
vinde a mim, oh! Sacramento  
já que sois o pão vivo  
que me serve de alimento  
só sinto fome em vós  
só em vós achei sustento

—Vós sois a gula dos cegos  
remédio do moribundo  
asilo dos desterrados  
sem patria, sem lar no mundo  
quem arrima órfão sem pai  
quem agrega o vagabundo

Disse o conde de Aragão:  
vamos ver quem canta ali  
não é gente deste mundo  
é visão que tem aqui:  
disse o duque: tenho idéia  
que aquela voz já ouvi

Foram entrando pela cova  
e à voz sempre seguindo  
um cheiro muito agradável

iam na cova sentido  
sairam em cima do monte  
o mesmo canto iam ouvindo  
    Já ao chegar no lugar  
    que Ernesto tinha ficado  
    viram Alzira que seguia  
    cantando no meio do prado  
    atrás d'la duas feras  
    um tigre e um leopardo

— É elal exclamou o conde  
deu-lhe uma síncope e caiu  
Alzira olhou para traz  
quando o pai caído viu  
disse às feras: não se movam  
voltou, ao pai acudiu

    O duque Agripino quis  
    aos seus pés se ajoelhar  
Alzira não consentiu  
mandou o se levantar

    — Não sou Deus, dizia ela  
    para ninguém me adorar

O duque voltou a si  
em soluço sufocado  
dizia à filha: perdoa  
a este pai tão malvado!  
disse Alzira: eu perdoei  
desde quando foi passado

    O duque Agripino pálido  
    como quem estava doente  
dizia: eu sou um malvado  
obrei mal completamente  
    não consultei a razão  
    mandei matar-te inocente!

—Você hoje é meu juiz  
marque a pena que quiser  
marque pra mim o castigo  
a maior pena que houver...

—Seu castigo é perdoar  
Ernesto onde estiver

Então Alzira rompeu:  
ouçam meu pai e marido:  
quem segue o trilho de Deus  
é sempre favorecido  
tem tudo que desejar  
assim não seja fingido

--Perante a Deus o tesouro  
é corpo inutilizado

Deus para vencer questão  
não precisa advogado  
tendo a razão e a virtude  
tem um juiz a seu lado

--Eu fui vítima desse falso  
foi morrer como se viu  
mas Deus ciente de tudo  
olhe como ele acudiu  
o cálculo do traidor  
a ele nada serviu

O tigre aí vendo eles  
rosnando se levantou;

--Se aquetel desse Alzira  
a fera quieta ficou  
aí o duque Agripino  
dessa ação se admirou.

Então ela viu Ernesto  
sobre a campina estendido  
saindo sangue do corpo

o peito muito ferido  
com os olhos lítos no céu  
mas já quase sem sentido

— Que infeliz é aquele  
que está no último da vida?

— É meu irmão, disse o daque  
por quem tu foste traída;

— Que desgraçal exclamou ela  
que mão de fera homicidal

— É o que pode sair  
do teu negro coração  
este teu peito de fera  
só tem nele ingratitude  
um urso talvez ouvisse  
os gritos do teu irmão

— Tu também não merecias  
os ferros por sua vez?  
o crime não foi só dele  
foi incluído nos três  
tu fizeste mais a Deus  
do que teu irmão me fez

E marchando para Ernesto  
as correntes lhe tirou  
disse: levanta-te, infeliz  
o diabo te tentou  
vai pedir perdão a Deus  
a culpa te condenou!

Ernesto baixou a face  
em soluços se afogando  
não podia olhar Alzira  
a face a ela ocultando;

— Eu não já te perdoei?  
disse ela soluçando

—E torno a te perdoar  
de todo meu coração  
alem de seres carrasco.  
tambem não és meu irmão?  
vai chorar os teus pecados  
que Deus te dá o perdão

Vês estes 2 pombos brancos  
que comigo conviviam?  
são almas de duas virgens  
que pobremmente viviam  
deram a vida pela honra  
venceram quem as perseguiam

Ernesto pediu a ela  
visto em lhe perdoar  
ele ficaria ali  
para os pecados pagar  
ela disse: criminoso  
aqui não pode ficar

-Isto aqui é um jardim  
da Virgem da Soledade  
vivem aqui os escolhidos  
da Divina Majestade  
o que despreza o tesouro  
e preza a honestidade

Disse o conde de Aragão:  
quero fazer-te um pedido  
em nome da Divindade  
acompanha teu marido  
ele promete que agora  
ficará arrependido

Partiram todos da ilha  
marido, pai e cunhado  
Berto, Lucio e Martinez

que a tinham ell deixado  
ao partir ella abraçou  
o tigre e o leopardo

Ernesto chegou em casa  
não se podia conter  
toda hora e todo instante  
ouvia uma voz dizer:  
teu crime foi perdoado  
mas ainda tem que sofrer

Ele vendeu o que tinha  
deu aos necessitados  
saiu como um peregrino  
desses pobres desgraçados  
pra ver se assim podia  
inda expiar seus pecados

Já faziam vinte anos  
que Ernesto peregrinava  
mas não deixava de ouvir  
uma voz que lhe avisava  
que as lágrimas de Alzira  
ainda um dia omolhava

Foi se empregar numa chácara  
dum orgulhoso que havia  
u'a alma igual a Ernesto  
que pouco se distinguia  
um monstro sem consciência  
a quem Deus eborrecoia

Esse tinha uma filha  
que de Ernesto se engraçou  
Ernesto estava na chácara  
quando ella se declarou  
dizendo: eu te amo muito;  
mas Ernesto a recusou

Ela irada com Ernesto  
um falso lhe levantou  
disse ao pai: seu jardineiro  
hoje a mim desrespeitou;  
o pai ficou muito irado  
quando a filha terminou

Ele chamou 3 sicários  
disse que a Ernesto levassem  
pra uma serra que havia  
os olhos lhe arrancassem  
cortassem-lhe ambas as mãos  
e no deserto o deixassem

Era meia-noite em ponto  
nem mesmo ave cantava  
a lua pálida e fria  
no espaço flutuava  
Ernesto sobressaltado  
nessa hora inda velava

Então chegaram os sicários  
deram-lhe voz de prisão  
perguntou Ernesto a um:  
que queres de mim, irmão?  
—Ensiná-lo a namorar  
a filha do seu patrão

Ernesto aí se lembrou  
do seu antigo passado  
disse: senhores, estou pronto;  
o levaram amarrado  
às seis horas da manhã  
chegaram ao ponto marcado

Então disseram a Ernesto  
tudo que iam fazer  
Ernesto pediu a eles

para um lhe esclarecer  
então disseram-lhe tudo  
que ouviram o patrão dizer

Aí lhe arrancaram os olhos  
ambas as mãos lhe cortaram  
esvaído em muito sangue  
nesse deserto o deixaram  
sem ele poder voltar  
ali o abandonaram

Quando ele tornou a si  
ouve uma voz dizer:  
perdoa teus inimigos  
pois estás próximo a morrer;  
era um monge que achou-o  
mas nada pode fazer

Ernesto se confessou  
descobriu na confissão  
o que fez com a cunhada  
com o tio e o irmão  
disse o monge: assim só eles  
podem te dar o perdão

Pode botá-lo nas costas  
ocultamente o levar  
escondeu-o num convento  
e mandou participar  
ao duque de Bruxelas  
para mandá-lo buscar

Aí quando Alzira soube  
insistiu com o marido  
que fosse ver o irmão  
que não tinha inda morrido  
e com certeza estaria  
do que fez arrependido



O duque mandou buscá-lo  
e Alzira foi o tratar  
então ela lhe dizia:  
Deus há de te perdoar  
não há filho neste mundo  
para Deus desamparar

--Se a justiça perguntar  
quem te mandou fazer isto  
oculta muito em segredo  
como disse Jesus Cristo  
esquece o mal a ti feito  
que te salvas, está bem visto

--Perdoa a esses cruéis,  
que os olhos te arrancaram  
pede a Deus por todos três  
que a caridade faltaram  
são esses cegos do mundo  
com vista nada enxergaram

E aí expirou Ernesto  
com a maior contrição  
no pé do grande altar  
da Virgem da Solidão  
Alzira ouviu uma voz  
dizer-lhe: está o perdão

Leitores, eis um exemplo  
este que aqui escrevi  
a vida traz isto tudo  
outra coisa eu nunca vi  
Deus paga o bem com o bem  
grande é aquele que tem  
o amor de Deus em si

# Lira Nordestina

## Maria de Jesus Silva Diniz

Grande variedade de folhetos e orações  
Rua Sta. Luzia, 263 — FONE 511-0066  
Juazeiro do Norte — Ceará

### AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA  
Mercado S. José — Compartimento N. 7  
Recife — Pernambuco

ANTONIO ALVES DA SILVA  
Mercado Central Box 127  
Terezina Piauí

MANOEL PINTO DA COSTA  
Praça do Mercado Central 33  
6705 3.º cabal Maranhão

MARIA JOS DA SILVA  
Rua Prof. João Severo, 70  
Bayeux Paraíba

SEVERINO JOSE DOS SANTOS  
Rua Sag. Paulo Lopes 695  
Lote 4, final de Ombre 745 Cascadura  
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES  
Av. Santana do Ipanema, 315  
Bairro Cruz das Almas — M. G.



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).